



YOU'RE A GOLDEN STAR

intrinseca

# Shine

Uma chance de brilhar

JESSICA JUNG

No amor e no  
K-pop, vale tudo...

# Shine

Uma chance  
de brilhar

JESSICA JUNG



Shine

*Uma chance  
de brilhar*

JESSICA JUNG

TRADUÇÃO DE GIU ALONSO

  
intrinsicca

Copyright © 2020 Jessica Jung e Glasstown Entertainment  
Publicado originalmente nos Estados Unidos por Simon Pulse, um selo  
de Simon & Schuster Children's Publishing Division, Nova York, NY

TÍTULO ORIGINAL

Shine

REVISÃO

Marcela Ramos

REVISÃO TÉCNICA

Carolina Aguiar

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA

Sarah Creech

© 2020 Simon & Schuster, Inc.

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Antonio Rhoden

ILUSTRAÇÃO DE SOBRECAPA

Junno Senna

DESIGN DE SOBRECAPA

Antonio Rhoden

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J92s

Jung, Jessica, 1989-  
Shine : uma chance de brilhar / Jessica Jung ; tradução Giu Alonso. - 1.  
ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.  
368 p. ; 21 cm.

Tradução de : Shine  
ISBN 978-65-5560-050-6

1. Ficção. 2. Literatura infantojuvenil americana. I. Alonso, Giu. II. Título.

20-65302

CDD: 808.899282

CDU: 82-93(73)

Camila Donis Hartmann - Bibliotecária - CRB-7/6472

[2020]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3ª andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



*Cabeça erguida, pernas cruzadas. Barriga para dentro, coluna ereta. Sorria como se o mundo inteiro fosse seu melhor amigo. Repito o mantra na mente enquanto a câmera foca em meu rosto. Os cantos dos meus lábios pintados com gloss cor-de-rosa se erguem em um sorriso perfeito e doce que faz você querer me contar todos os seus segredos.*

Mas é melhor não contar. Sabe como dizem que a única forma de três pessoas guardarem um segredo é se duas estiverem mortas? Bem, essa é a mais pura verdade no meu mundo, onde todos estão sempre observando e segredos podem matar. Ou, pelo menos, podem matar a sua chance de brilhar.

— Meninas, vocês devem estar tão animadas!

O entrevistador é um homem de meia-idade, com cabelo preto oleoso penteado para trás e pele pálida. Ele poderia ser bonito, se não fosse a combinação de gravata de seda rosa-choque e camisa vermelha que tira a atenção de qualquer um.

Ele se inclina, ávido, os olhos brilhando para as nove meninas sentadas à sua frente, um mar de cabelos perfeitamente ondulados e rostos impecáveis graças a anos de clareamento com máscaras faciais, todas coreografadas até os mínimos detalhes, do ângulo das pernas elegantemente cruzadas até os stiletos em ordem decrescente de cores em tons pastel.

— Atingiram o primeiro lugar em todas as paradas, e com o MV de estreia, ainda por cima! Só falta um resultado para o All-Kill! Como vocês se sentem com o sucesso do vídeo?

— Não poderíamos estar mais felizes — responde Mina, animada, abrindo um sorriso que deixa à mostra seus dentes perfeitos.

Os músculos do meu rosto doem ao imitá-la.

— É a realização de um sonho — concorda Eunji, antes de estourar uma imensa bola de chiclete sabor morango.

— Somos muito gratas pela oportunidade de fazer isso juntas — comenta Lizzie, as camadas de sombra prateada reluzindo.

Os olhos do entrevistador se iluminam, e ele pergunta em tom de confiança:

— Então vocês todas se dão bem? Quer dizer, nove meninas deslumbrantes no mesmo grupo. Não deve ser sempre fácil.

Sumin dá uma risadinha descontraída, franzindo os lábios vermelhos bem delineados.

— Nada é “sempre fácil”. Mas nós somos uma família. E família sempre vem em primeiro lugar. — Ela passa o braço pelo de Lizzie, sentada ao seu lado. — Temos que ficar juntas.

O entrevistador leva a mão ao coração.

— Que gracinha. E do que vocês mais gostam em trabalhar juntas? — Seu olhar percorre o grupo lentamente, parando em mim. — Rachel?

Na mesma hora me viro para a câmera imensa atrás dele. Sinto a lente dando zoom em mim. *Cabeça erguida, pernas cruzadas. Barriga para dentro, coluna ereta.* Eu me preparei durante anos para este momento. Abro um grande sorriso, como se o entrevistador fosse meu melhor amigo. Mas me dá um branco.

*Fale alguma coisa, Rachel. Qualquer coisa. Este é o momento pelo qual você tanto esperou.* Minhas mãos começam a suar, e sinto as outras meninas cada vez mais tensas quando meu silêncio toma conta do estúdio. A câmera parece um holofote. Sinto a pele arder e pinicar. E minha boca fica tão seca que é quase impossível falar.

Finalmente, o entrevistador suspira, com pena de mim.

— Vocês passaram por tanta coisa, treinando juntas por seis anos antes de estrear! Essa experiência foi tudo que você esperava? — Ele sorri, me ajudando com uma pergunta fácil.

— Foi — consigo responder, com um sorriso meio congelado.

O entrevistador continua:

— Então me conte um pouco mais sobre como era sua vida enquanto treinava para a grande estreia do grupo. Qual era sua parte favorita de morar na casa das trainees?

Seco as mãos discretamente no banco de couro enquanto minha cabeça gira em busca de uma resposta. Por fim, uma ideia surge.

— O que mais poderia ser? — digo, erguendo a mão e agitando os dedos com manicure perfeita de um jeito esquisito para a câmera. Minhas unhas estão pintadas de branco com listras cor de lavanda. — Oito meninas para fazer suas unhas. Era como viver em um salão de beleza vinte e quatro horas!

*Ai, meu Deus. Qual é meu problema? Eu realmente acabei de dizer que minha parte favorita do treinamento era ter oito meninas para serem minhas manicures de graça?*

Para minha sorte, a risada do entrevistador ecoa pelo estúdio, e sinto o alívio tomar meu corpo. *Certo, eu consigo.* Dou uma risadinha, e as outras meninas se juntam a nós. Então ele abre um sorriso sebo para mim. *Ops.*

— Rachel, você está recebendo muitos elogios como vocalista principal. Acha que seu talento inspira as outras meninas a se esforçarem mais?

Fico corada na hora, e coloco as mãos no rosto para esconder as bochechas vermelhas. Minha cabeça começa a girar de novo. Já pratiquei essas perguntas mil vezes, mas sempre que estou na frente das câmeras, fico paralisada. As luzes, os entrevistadores, os milhões de pessoas me assistindo. Parece que meu cérebro se desconecta do corpo, e nenhuma hora de treino ou preparo consegue fazer os dois se unirem. Sinto um nó do tamanho de uma bola de golfe na garganta e percebo que o sorriso do entrevistador está ficando cada vez mais tenso. *Merda. Faz quanto tempo que ele está esperando minha resposta?* Rapidamente, digo:

— Quer dizer, sim, eu sou talentosa. — Pelo canto do olho, percebo Lizzie e Sumin se entreolharem, as sobrancelhas er-



guidas. *Merda*. — Não que eu seja a *mais* talentosa. Quer dizer, bem, o grupo... Todas as meninas. Todas nós...

— Acho que o que Rachel está tentando dizer é que todas nós amamos nosso trabalho e nos inspiramos todos os dias — intervém Mina, com naturalidade. — Falando como dançarina principal do grupo, sei que aprendi muito com o meu pai sobre a importância de se dedicar arduamente a algo...

Ela é interrompida pelo toque agudo da campainha saindo dos alto-falantes. As câmeras desligam e o sorriso do entrevistador desaparece. Ele tira o paletó lentamente, revelando enormes manchas de suor debaixo dos braços, escurecendo a camisa de cetim, enquanto nós nove — integrantes do grupo principal de trainees de K-pop da DB Entertainment — aguardamos a avaliação da nossa simulação de entrevista.

— Quero ver um pouco mais de energia na semana que vem. Não se esqueçam de que, na DB, a única diferença entre uma trainee e uma estrela de K-pop é quanto você quer isso! Eunji... — A garota encara o entrevistador com os olhos arregalados e assustados. — Quantas vezes preciso dizer isso? Sem chicletes nas entrevistas simuladas! Mais uma advertência e vou mandar você de volta para as aulas dos iniciantes. — Eunji empalidece e abaixa a cabeça. — Sumin! Lizzie! — As duas erguem o rosto. — Mais personalidade, vocês duas! Ninguém vai pagar duzentos mil won por um show de K-pop com cantoras que usam maquiagem para esconder a falta de coisas interessantes a dizer. — Lizzie parece prestes a chorar, e um rubor vermelho-vivo, da mesma cor que os lábios, surge nas bochechas de Sumin. Por último, ele se vira para mim e diz, com uma voz quase entediada-

da: — Rachel, já falamos sobre isso. Você é uma das melhores cantoras e dançarinas que já vimos, mas essa é só uma parte do trabalho. Se você não consegue se vender durante uma simples entrevista simulada, como pretende se apresentar diante de multidões todas as noites? Ou dar entrevistas de verdade, com plateia ao vivo? Esperamos mais de você.

Com um breve aceno de cabeça, ele deixa a sala de treinamento, tirando um cigarro do bolso da frente.

Praticamente derreto no banquinho minúsculo em que estou sentada faz uma hora, e meu sorriso desaparece enquanto massajeio a perna direita para amenizar a cãibra causada pelos stiletos. Já ouvi tudo isso antes. *Se esforce mais, Rachel. Fique à vontade na frente da câmera, Rachel. Estrelas de K-pop devem ser adoráveis, eloquentes e perfeitas o tempo todo, Rachel.* Solto um grunhido de dor quando me viro para pegar meus All Star. Mina me encara do seu banco.

— O que foi agora? — pergunto, com um suspiro.

Ela levanta a mão, mostrando as unhas com francesinhas perfeitas.

— *Oito garotas para fazer suas unhas?* Sério? Nós não somos suas empregadas, Rachel.

Ela revira os olhos. *Você deve saber bem como é isso*, penso. De todos na DB, Mina é quem provavelmente tem mais empregados. Ela é a filha mais velha de uma das famílias chaebol mais antigas e poderosas da Coreia, os Choo, também conhecida como família C-MART. Existem milhares de lojas C-MART no país inteiro, com sua marca laranja e branca, vendendo de tudo, desde kimchi, Yakult e japchae fresco a moletons amare-

lo-néon com imitações de personagens da Sanrio declamando frases ridículas em konglish, tipo “sua mãe é meu hamster”. Isso significa que Mina é riquíssima, e uma enorme dor de cabeça para mim.

— Você sabe que é por sua causa que temos tantas aulas de treinamento de mídia, né?

Meu sangue ferve. É verdade. Eu sei que é verdade. Mas não estou disposta a ouvir isso de Mina.

— Você pode pelo menos tentar responder como uma estrela de K-pop e não uma garotinha embasbacada em uma festa do pijama? — debocha ela. — Ou é pedir demais da nossa pobre princesinha coreana-americana?

Fico tensa. Não é segredo que eu nasci e cresci nos Estados Unidos (em Nova York, para ser exata), mas depois dos berros do treinador de dança por causa do meu atraso de três minutos para a aula esta manhã e do meu péssimo resultado na entrevista simulada, estou sem paciência para a grosseria de Mina.

— Não lembro do entrevistador te fazer *nenhuma* pergunta pessoal, Mina. Talvez você não seja tão interessante quanto pensa.

— Ou talvez eu só não precise mais treinar.

Eu suspiro. Pulei o café da manhã, e o esforço para manter essa briguinha com Mina exige pelo menos uma refeição, de preferência duas. Dou as costas e me afasto, guardando os sapatos de salto na minha velha bolsa de couro branco.

— O quê, você acha que é boa demais para falar comigo agora? Sua eomma não lhe ensinou boas maneiras? — provoca Mina.

— O que você esperava? — pergunta Lizzie, verificando o rímel em seu espelho com monograma. Ela o fecha com um estalo e estreita os olhos para mim. — A linda princesinha Rachel, proibida de entrar na casa dos trainees pela mamãe. Talvez seja por isso que ela acha que não temos nada melhor para fazer do que pintar as unhas umas das outras.

— Deve ser ótimo ser a favorita do sr. Noh — diz Eunji, com um suspiro exagerado. — Sabe, algumas de nós precisaram trabalhar muito para chegar aonde chegaram. Você não vê *a gente* recebendo favores do diretor da DB.

— Espero que você não se considere *algumas de nós* — retruca Sumin, se virando bruscamente para Eunji. — Não me lembro da última vez que vi você suar para conseguir alguma coisa.

— Falando em suor, é melhor se refrescar um pouco, querida — comenta Eunji, desenhando um círculo em volta do próprio rosto com o dedo. — Você está um pouco... brilhante.

— Bom, o seu nariz está um pouco falso — rebate Sumin.

— Vocês duas estão me dando dor de cabeça! — choraminga Lizzie para Mina. — Sunbae, mande elas ficarem quietas!

Mina sorri.

— Claro, Lizzie, querida. Por que não ligamos a câmera de novo? Elas vão se calar na hora! Ah, espera... Isso só funciona com a Rachel!

As garotas soltam risinhos, e meu rosto queima de raiva e vergonha. Eu deveria responder, mas não faço nada. Eu nunca respondo. Gosto de fingir que é porque estou seguindo os conselhos da minha mãe — sabe, seja melhor do que elas, sempre

mantenha a compostura, nunca demonstre fraqueza, os mantras de feministas fortes do mundo inteiro —, mas o nó enorme que reaparece na minha garganta deixa claro que é mentira. Termino de amarrar os tênis e me ponho de pé.

— Com licença — digo, saindo da sala.

— Ah, pode ir — responde Mina, inocentemente.

Pelo canto do olho, vejo ela se aproximar das outras garotas, sussurrando sem parar, e sorrisos maliciosos surgem no rosto de todas.

O campus de treinamento da DB Entertainment é exatamente como as estrelas de K-pop que saem de lá: impecável, brilhante, impossível de tirar os olhos. É uma propriedade de luxo no coração de Cheongdam-dong, a capital do K-pop. No verão, trainees se reúnem para fazer ioga e pilates no jardim do terraço, disputando os cobiçados lugares à sombra para evitar qualquer dano solar na pele. Do lado de dentro, fontes gigantescas com água mineral vinda direto de Seoraksan decoram os saguões de teca e mármore. Os executivos da DB dizem que as fontes estão lá para nos ajudar a obter paz interior e alcançar nosso potencial — mas todo mundo sabe que isso é uma piada. Não existe a menor chance de se encontrar paz interior aqui.

Ainda mais com o anuário nos encarando todos os dias.

O anuário (batizado dessa forma porque a maioria dos trainees nunca terá um anuário do ensino médio de verdade) é como chamamos as paredes ao redor da fonte no hall da ala principal, cobertas por fotos emolduradas de cada estrela de K-pop que estreou do programa de trainees da DB. Os sorrisos

sos perfeitos e o cabelo brilhante servem de lembrete para nós, meros trainees, do que aspiramos nos tornar enquanto corremos de uma aula para outra. E bem no centro da parede — o lugar onde todos sonhamos estar um dia — fica uma placa dourada com o nome de todos os artistas solo ou grupos da DB que estrearam uma música no primeiro lugar das paradas de Seul.

Quando chego ali, paro e olho a placa, meus olhos se embaçando diante dos nomes que memorizei anos atrás. Pyo Yeri, Kwon YoonWoo, Lee Jiyoung... E o mais recente, NEXT BOYZ. Sinto um aperto no peito — aquela combinação de estresse, pânico e desidratação que os trainees conhecem tão bem — ao lembrar do meu desempenho desastroso na entrevista. Fazendo uma careta, aperto o passo, correndo em direção às salas de treino individuais do lado oeste do prédio.

O corredor é repleto de brinquedos e acessórios aleatórios usados pelas maiores estrelas em shows pelo mundo inteiro. Metade da parafernália tem as insígnias da Electric Flower e de Kang Jina (uma figura lendária da placa dourada e a líder do melhor grupo feminino de K-Pop dos últimos anos). Elas estrearam no primeiro lugar das paradas e nunca mais saíram de lá. Quando entrei na DB, eu idolatrava aquelas meninas, especialmente Jina. Eu as admiro ainda mais agora, sabendo pelo que tiveram que passar para chegar aonde estão. Mas às vezes me pergunto sobre as meninas que ficaram para trás. As que não entraram no grupo.

Será que eu serei uma das que estarão no topo, ou uma das que passam despercebidas?

Ouço uma batida reverberar pelo corredor. Espio uma das salas, onde uma trainee do segundo ano está praticando a coreografia icônica de “Don’t Give Up on Love”, da Blue Pearl. Ela erra o movimento lateral dos braços, então suspira, frustrada, e se arrasta até o painel dos alto-falantes para recomeçar a música. Meu corpo inteiro dói só de vê-la. Pelo suor na testa e as bochechas vermelhas, sei que ela está treinando há horas — o dia típico de uma jovem trainee. No final do corredor, encosto o dedo na tela eletrônica que determina a disponibilidade das salas de treino. Ainda está cedo, e é sábado, então estou torcendo para que tenha alguma livre para eu treinar minha dança à tarde, mas... Argh. Inacreditável. Todas as salas estão ocupadas.

Cerro os punhos e sinto meu corpo esquentar. Lizzie tem razão — eu não sou como as outras trainees, que ficam aqui vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, cantando e dançando nas salas de treino até as quatro da manhã, que dormem na casa dos trainees aqui perto, acordam e repetem tudo, todos os dias. Quando fui recrutada pela DB, minha mãe quase não me deixou vir. Isso exigiria mudar toda a nossa família de Nova York para Seul, afastar minha irmã da escola e dos amigos dela e meus pais abrirem mão dos empregos. Mais decisivo, porém, era o fato de que ela não entendia por que o K-pop significava tanto para mim, e *definitivamente* não entendia o estilo de vida dos trainees — a pressão intensa, os anos de treinamento, os escândalos de cirurgia plástica. Então, depois de três semanas implorando para minha mãe mudar de ideia, minha halmeoni morreu. Eu me lembro de

como fiquei triste; de como chorei por horas com minha mãe e Leah; de como, enquanto estava viva, halmeoni se sentava comigo toda manhã durante nossas visitas e trançava meu cabelo, sussurrando contos de fadas antigos nos meus ouvidos, me dizendo com sua voz tão reconfortante como eu seria bonita, inteligente e rica quando crescesse. Minha mãe não deixou Leah e eu faltamos aula para ir ao funeral na Coreia, e, quando ela voltou, eu praticamente já tinha desistido dessa história de trainee, mas, para a minha surpresa, eomma fez um acordo comigo: a gente se mudaria para Seul, mas eu continuaria indo para a escola durante a semana e manteria a possibilidade do ensino superior em aberto, então poderia treinar nos fins de semana (começando na noite de sexta). (Alguns anos atrás, eu perguntei por que ela tinha mudado de ideia depois que halmeoni morreu, mas tudo que recebi em resposta foi um olhar distante seguido por um tapinha na minha cabeça.)

Os executivos da DB não gostaram da proposta de eomma no início, mas por algum motivo o sr. Noh decidiu abrir uma exceção para mim. Eomma acha que foi por causa do seu “empoderamento feminino americano” (nas palavras dela), mas sei que sou apenas uma das seletas favoritas do sr. Noh — uma das sortudas que ele decidiu alçar da obscuridade do programa de trainees e dar atenção extra. (Se bem que, no programa de trainees, atenção extra significa pressão extra.) Mesmo assim, a situação era bem inédita, e logo passei a ser chamada de “Princesa Rachel”, a trainee mais mimada da DB; a garota com ascendência coreana cujo passaporte americano



(e atitudes americanas, como ódio por carne enlatada...) colocava uma distância maior do que o oceano Pacífico inteiro entre mim e os outros trainees. Agora, seis anos depois, embora eu esteja aqui há mais tempo que a maioria, o apelido segue firme e forte.

Era de se imaginar que as pessoas me julgariam pela minha dedicação. Pelo fato de que treino até a exaustão nos fins de semana. Pelo fato de que só durmo quatro horas por noite durante a semana porque treino depois de terminar meu dever de casa. Pelo fato de que implorei que minha escola permitisse que eu fizesse uma aula de canto à parte, só para ter cinquenta minutos sozinha todo dia na sala de música, praticando escalas. Mas em vez disso todo mundo julga minhas roupas limpas, meu cabelo bem penteado, o fato de que volto para casa e durmo na minha cama toda noite.

E sabe qual a pior parte? Eles têm razão. Todas as outras pessoas treinam vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. A maioria mora na casa dos trainees e só volta para as próprias casas uma vez por mês, se muito. Eles comem, dormem e respiram K-pop. Não importa como você encare a situação, eu não tenho como competir. Mas é exatamente isso que preciso fazer.

Pressiono a testa com a palma das mãos, tentando respirar fundo para me acalmar. Conforme me aproximo da idade de estreia, venho implorando a comma para me deixar treinar em tempo integral, mas ela sempre recusa com firmeza. Como posso lhe explicar que é quase impossível entrar em um grupo feminino depois da adolescência? Como pos-

so explicar que faltam três anos para eu estar velha? Já faz quase sete anos desde que a DB lançou a Electric Flower, logo antes da última grande Family Tour. A empresa não lançou outro grupo feminino desde então. Boatos de que os executivos estão planejando fazer isso — e *em breve* — circulam faz meses, e não posso esperar mais sete anos. Não posso esperar nem sete meses. Já vai ser tarde demais para mim. Essa estreia é a razão de todo o meu esforço, e de jeito nenhum vou permitir que não seja escolhida. Não importa o que eomma diga.

— Rachel!

Tiro as mãos do rosto às pressas e faço uma expressão agradavelmente neutra, me preparando para outra discussão com Mina. Porém, quando vejo Akari vindo a toda pelo corredor, o cabelo preto volumoso preso em um rabo de cavalo voando a cada passo, respiro fundo e sorrio.

Akari Masuda se mudou para Seul quando tinha dez anos, depois que o pai, um gênio da informática japonês, foi recrutado para trabalhar na base da Força Aérea em Osan. Ela estava entre as indicadas para começar a treinar na L-star Records, uma empresa de J-pop imensa em Tóquio, mas os pais não queriam que ela morasse sozinha tão jovem. Então o pai mexeu uns pauzinhos para que ela fosse aceita no programa da DB. Nós duas nos demos bem desde o primeiro dia, talvez porque saibamos como é ser uma estrangeira em Seul. Não é fácil fazer amigos quando tudo aqui parece uma competição, mas Akari é uma das poucas pessoas na DB em que posso confiar de verdade.

— Onde você estava? — pergunta ela, me dando o braço.

Akari tem a graciosidade natural de uma dançarina, graças às aulas de balé desde os quatro anos.

— Treinamento de mídia — respondo, como se não fosse nada.

Akari observa as minhas olheiras fundas e o rosto vermelho, então, com gentileza, começa a me afastar das salas de treinamento.

— Bom, eu te procurei por toda parte. Estava com medo de que você fosse perder a cerimônia de reverência dos novatos!

Eu reclamo, parando de andar na mesma hora.

— Ah, não. Por favor, não me faça ir. Você sabe o quanto eu odeio essas coisas!

— Odiando ou não, “a cerimônia de reverência representa a família. E, na DB, a família sempre vem em primeiro lugar”. — Akari dá uma risadinha, o rosto se contorcendo em uma imitação assustadoramente fiel do sr. Noh, o CEO da DB Entertainment, ou, como ele diria, o patriarca da família DB. Rá. Ela ergue as sobrancelhas. — Além disso, eu ouvi falar que vai ter bufê.

Meu estômago ronca, e lembro que não comi nada o dia todo.

— Deveria ter dito isso logo — comento, deixando que Akari me arraste pelo corredor. — Você sabe que eu nunca recuso comida de graça.

— E quem recusa? — grita Akari, quando saímos para o lobby principal.

O lugar está lotado — trainees correndo para suas aulas, funcionários passando às pressas para os escritórios, se preparando para o grande show da Electric Flower em Busan no fim de semana que vem. Passamos pelo refeitório, famoso por ser o único refeitório corporativo com estrelas Michelin na Ásia. Até famosos internacionais como Joe Jonas e Sophie Turner vieram para cá só para comer. Pena que a maioria dos trainees e idols que são representados pela DB não aproveita, porque somos pesados meticulosamente toda semana. Afinal, não podemos explodir em nossos figurinos no palco (alerta de sarcasmo).

O auditório é um dos meus lugares favoritos no campus, com o piso brilhante de madeira clara e os lustres pseudoindustriais de ferro pendurados no teto alto. O palco se ergue imponente no centro (para representar melhor a experiência de se apresentar em um estádio, é claro), com assentos de veludo ao redor.

O sr. Noh já está no palco com os novos trainees alinhados atrás dele quando nos sentamos na primeira fileira. Olho para as crianças no palco; estão sorrindo e tremendo com a energia nervosa e animada que crianças normais sentem no primeiro dia de aula. O sr. Noh está brega como de costume, vestindo Prada dos pés à cabeça, com a mesma expressão de sempre: olhos críticos e atentos escondidos por óculos espelhados, capazes de encontrar um trainee despreparado a um quilômetro de distância. Numa tentativa falha de parecer paternal, poussa as mãos nos ombros dos novatos.

Enquanto ele fala sem parar dos desafios que esperam essa nova geração de futuras estrelas de K-pop, meu olhar passeia

pelas mesas de comida arrumadas na lateral do auditório. É um banquete ocidental, com sanduíches de figo e *prosciutto*, donuts de água de rosas e pratos de frutas cheios de mangas e lichias frescas. Um grupinho de executivos da DB, assim como treinadores sêniores, já estacionou perto das mesas do bufê, devorando a comida. Reconheço um cabelo rosa-néon entre eles e aceno para Chung Yujin, a treinadora-chefe da DB. Foi ela que me descobriu enquanto eu cantava “Style” em um noraebang em Myeong-dong. Eu tinha onze anos e estava com Leah visitando nossa halmeoni em Seul durante as férias de verão. Estou com dezessete anos agora, e Yujin ainda é a pessoa na DB que mais admiro — ela é minha mentora, minha unnie. Mas Akari é a única pessoa que conhece nossa história, a única que sabe como somos próximas. Yujin sempre diz que minha vida de trainee de K-pop já é difícil o bastante (com o interesse do sr. Noh em mim e meus horários especiais), por isso, não quer piorar a situação contando que sou sua favorita. Ela acena de volta discretamente, fingindo estar interessada enquanto um executivo encarquilhado agarra o braço dela e começa a falar sem parar no seu ouvido. Yujin olha para mim do outro lado do auditório e movimenta os lábios: *Socorro!*

Dou uma risadinha, então meu olhar encontra a placa laranja e branca à mostra na mesa: EM NOME DE CHOO MINA E SEU PAI, TEMOS ORGULHO DE FAZER PARTE DA FAMÍLIA DB. BON APPÉTIT! Meu sorriso desaparece. Talvez eu possa, sim, recusar comida de graça, afinal.

— Acho que perdi o apetite — digo, inexpressiva.

Akari segue meu olhar e vê a placa.

— Ah — diz com uma risada, tentando melhorar o clima.

— Poxa, a Mina não é tão ruim assim.

— Lembra do que aconteceu na minha cerimônia de reverência?

Akari abre um sorriso que faz seus olhos se estreitarem.

— Aaaah, verdade. Eu amo essa história.

No meu primeiro dia de treinamento na DB, eu não tinha ideia de que deveria fazer uma reverência para os trainees mais antigos na cerimônia. Tinha acabado de sair do avião chegando de Nova York, e embora meus pais sejam coreanos, reverências não são o tipo de coisa que se faz muito nos Estados Unidos. Quando eu era criança, a gente só tinha esse hábito quando ia visitar os pais dos nossos amigos depois da igreja no ano-novo, e aí era uma reverência coreana formal (e valia a pena pela nota novinha de vinte dólares que eles sempre davam para a gente). Eu achei que a cerimônia fosse só um evento de boas-vindas, uma chance de conhecer os outros trainees. Yujin-unnie, sabendo que eu não teria ideia de como agir, cochichou no meu ouvido que eu deveria fazer uma reverência para os trainees mais antigos, então foi o que fiz... para os adolescentes mais velhos enfileirados. Mas quando chegou a vez de Mina, uma garota da minha idade, eu só estendi a mão, pensando que era a coisa certa (e educada!) a fazer. Foi como se eu tivesse dado um chute na barriga dela ou cuspidado no seu cabelo, pelo nível do escândalo que ela fez.

Akari, que já tinha ouvido a história mil vezes, começou a imitar o showzinho épico de Mina.

— “Quem aquela vaca pensa que é?” — falou, gargalhando.  
— “Está se achando só porque veio dos Estados Unidos? Que novata mais mal-educada.”

Eu reviro os olhos, lembrando como ela foi me dedurar imediatamente para o sr. Noh, exigindo que eu fosse punida pela minha falta de respeito a um sunbae (literalmente *qualquer um* com mais experiência, mesmo que tenha a mesma idade ou seja mais nova que você). A sorte foi que Yujin controlou a situação. No entanto, desde então Mina basicamente decidiu que seu objetivo de vida é me destruir.

— Ela é uma doida.

— Mas você não fez reverência para ela nem assim, né? — pergunta Akari.

— Vai ser preciso mais que uma filhinha de papai rica com complexo de superioridade para me forçar a fazer uma reverência para Mina.

— É isso aí. — Akari me dá um tapinha nas costas. — A Rachelzinha estaria muito orgulhosa de você.

Abro um breve sorriso para ela, mas meu coração fica apertado. Se eu pudesse voltar no tempo, sabendo a forma certa de me portar, será que eu realmente faria a mesma coisa? Gostaria de dizer que sim, que obviamente eu colocaria Mina no lugar dela, mas não sei se estou sendo sincera comigo mesma. Penso em como fugi da sala de treinamento hoje de manhã, em como sempre evito confrontos com as outras trainees, e Yujin sempre me diz para não dar atenção, me concentrar no treinamento, suas palavras ecoando na minha cabeça. Mas... será que a Rachel de onze anos ficaria mesmo orgulhosa de mim? Ou me chamaria de covarde?

Eu e Akari nos juntamos à cerimônia no palco, esperando nossa vez na fila com outros trainees sêniores para que os novatos nos cumprimentassem com reverências.

— Com licença — Lizzie rosna para nós. — Princesa e sua súdita, para o fim da fila.

As meninas ao redor arregalam os olhos, chocadas com a provocação.

Ao meu lado, Akari se volta para encará-la.

— Com licença *você* — retruca, o rosto colado ao de Lizzie, os olhos apertados de raiva. — Nós somos mais sêniores que você. Não vamos a lugar nenhum.

Lizzie, nervosa, procura o olhar de Mina, que está nos encarando com um sorriso metido. Mas não tem nada que ela possa fazer: todo mundo sabe que Akari tem razão.

— Dane-se. — Lizzie bufá, claramente derrotada. — Vocês ainda são estrangeiras.

A nossa volta, os trainees estão assistindo à cena e rindo. Chego no meu limite.

— Vem, Akari — resmungo, as bochechas vermelhas. — Não vale a pena.

Sei que Akari está irritadíssima pelo seu jeito de andar, bem ereta e tensa, mas ela me obedece. Não vale a pena, eu digo a mim mesma. É falta de profissionalismo fazer um escândalo na cerimônia dos novatos. Eu não sou como Mina.

Então vamos para a mesa do bufê. Yujin segura minha mão e aperta.

— Tudo bem aí? A situação pareceu... tensa.

Dou um sorrisinho forçado.



— Tudo bem. Não precisa se preocupar — digo, ignorando sua sobrançelha erguida e pegando um prato.

Distraída, estendo a mão para um sanduíche, decidida a afogar em comida a sensação de vergonha que não para de crescer no meu estômago, mas Akari detém minha mão e balança a cabeça.

— Pepino — avisa ela, apontando para a plaquinha.

— Eca. — Eu estremeço, colocando um misto-quente de bacon e queijo no prato. — Valeu. Você acaba de salvar minha vida.

— É para isso que servem as amigas. — Ela sorri. — Além do mais, não quero uma reprise da catástrofe do pepino de 2017. Ainda tenho pesadelos com você vomitando no refeitório inteiro depois de uma garfada minúscula de salada de pepino.

— A culpa não foi minha! Pepino é tipo o jogging do mundo vegetal. As pessoas fingem gostar só porque teoricamente é saudável, mas na verdade é só horrível. Deixa um gosto horrível na boca. Pepinos deveriam ser ilegais!

— Foi mal, chingu, mas acho que pepino tecnicamente é uma fruta — diz Akari com uma risada, e joga um guardanapo amassado nela.

Se você entrar em qualquer aula de trainees de K-pop, vai encontrar alguns dos adolescentes mais talentosos do mundo — dançarinos excelentes, cantores impecáveis e, é claro, fofos-queiros de primeira.

— Ouvi dizer que ele pintou o cabelo de laranja — comenta Eunji.

— Não só de laranja, mas exatamente do *mesmo* tom personalizado do Romeo do BigM\$ney — diz um trainee de calças prateadas do primeiro ano, com voz de quem mal saiu da puberdade.

Parece que a aula começou.

Todas as fofocas, é claro, giram em torno de uma única pessoa: Jason Lee, a mais recente estrela de K-pop da DB e a última adição à tão desejada placa dourada do anuário, depois que seu grupo, NEXT BOYZ, estreou em primeiro lugar com o single “True Love”. É impossível dar um passo no campus — ou em qualquer lugar de Seul, na verdade — sem ouvir a voz de tenor de Jason cantando sobre encontrar seu verdadeiro amor. O sr. Noh nunca parecera tão feliz. Mas agora, aparentemente, o doce, humilde e fiel Jason e os executivos da DB estão envolvidos em uma briga enorme, e ninguém sabe por quê. Dou um gole em uma lata de Milkis, feliz por esquecer meu dia e ouvir as teorias se espalhando ao meu redor.

— Ouvi dizer que ele roubou algo da coleção de vinis do sr. Noh — sussurra uma terceira voz, se escondendo atrás de uma franja pesada castanho-avermelhada.

— O Anjinho? Roubando? Nunca!

— Será que o sr. Noh ia notar? Ele tem, tipo, mil discos.

— Você está falando sério? Ele é obcecado por aqueles vinis.

— Quem liga se ele roubou alguma coisa? Ele é lindo demais para ser demitido!

Meia dúzia de trainees assentem, concordando.

Balanço a cabeça de leve, sem acreditar. Discos roubados e tinta de cabelo? Esses são os piores boatos que a terrível fábrica

ca de fofocas da DB conseguiu inventar? Alguns meses atrás, quando uma trainee, Suzy Choi, foi dispensada de repente no meio de um ciclo de treinamento, espalharam loucamente histórias de que ela era viciada e devia milhares de dólares para traficantes, que a venderam para um daqueles restaurantes temáticos da Coreia do Norte no Camboja. (Akari, por outro lado, diz que viu Suzy na rua andando de mãos dadas com um menino bonitinho, mas não acredito nisso. De jeito nenhum Suzy teria quebrado a regra mais importante da DB, “namoros são proibidos”. Nesta indústria, drogas ilícitas são mais prováveis do que um namorado ilícito.) Certa vez, ano passado, meus pais estavam trabalhando no domingo e pediram que eu trouxesse Leah para o treino — os boatos de que ela era minha filha bastarda e que eu não podia treinar durante a semana porque tinha que cuidar dela só começaram a morrer agora. É claro que o fato de que sou só cinco anos mais velha que ela não pareceu importar para ninguém.

— A gente deveria estar se concentrando em treinar bastante, não em fofocas — diz Mina, cheia de superioridade, se alongando enquanto fica de pé e olha para o sr. Noh.

Luto contra o impulso de revirar os olhos. Dava para ela ser mais óbvia?

Concentrando-se em mim, Mina se aproxima com um sorriso ao ver o prato em minhas mãos.

— Rachel. Uma pena você não ter participado da cerimônia de reverência. Mas é melhor deixar para a gente que sabe o que está fazendo, não acha? Espero que você esteja aproveitando a comida.

Chega. Não aguento mais lidar com Mina hoje.

— Estou, com certeza — respondo animadamente, pegando um pedaço de bacon e colocando na boca. — Tenho sorte de ser naturalmente magra, então nem preciso tomar cuidado com o que como.

Eu lanço um olhar demorado para o prato dela, cheio de aipo e dotori-muk, enquanto um grupo de trainees mais jovens se vira para nós, arregalando os olhos e rindo.

Mina estreita os olhos, chocada e com raiva — ela não está acostumada a me ouvir responder. Tenho certeza de que vai me fazer pagar por isso. Erguendo a voz vários decibéis, ela retruca:

— Se você e Akari estiverem livres hoje à noite, por que não se juntam a nós para um treino vocal na casa dos trainees? A gente faz isso todo sábado, e não quero que vocês fiquem para trás.

A casa dos trainees. Até parece. Eomma nunca me deixaria ir, e Mina sabe disso.

Antes que eu possa responder, o sr. Noh se aproxima a passos largos. Os berros de Mina obviamente serviram seu propósito. Pelo menos ela aprendeu alguma coisa com essas lições de canto extra: a garota sabe projetar a voz.

— O quê? Ouvi falar em um treino noturno? — O olhar do sr. Noh percorre o grupo e para em mim. — Rachel, essa ideia foi sua? — pergunta ele, com um sorriso. — Nossa trainee mais esforçada!

Ele mantém o olhar em mim. Todos os outros trainees em volta ficam em silêncio, o mais eretos possível, alertas

e prontos para serem chamados e impressionar a qualquer momento.

Ao meu lado, Mina parece furiosa que o sr. Noh tenha voltado suas atenções para mim mais uma vez. Forço um sorriso e abro a boca para responder, mas Mina me interrompe no último momento.

— Estarei lá, senhor! — Ela praticamente grita, alguns pedaços de aipo voando do prato.

O sr. Noh arregala os olhos, confuso, mas logo se recupera.

— Que ótima atitude. Muito bem, senhorita... Hum...

— Choo. Choo Mina. Meu pai é Choo Minhee... — Ela fica decepcionada. — Vocês são amigos de longa data...

— Ah, claro, claro, você é a filha de Minhee! — Sr. Noh dá uma risadinha com um olhar de alívio. — Obrigado por me lembrar.

Um sorriso explode no rosto de Mina.

— *Eu* que agradeço, sr. Noh — responde Mina, docemente. — O senhor está planejando encontrar o papai em breve? Ele sempre diz o quanto aprecia sua presença na festa de Natal da Choo Corporation...

— Sim, sim, tenho que ligar para ele qualquer dia desses. — Ele dá uma risadinha antes de voltar-se para mim. — E que ótimo gosto para amizades, Rachel! Você e Mina são ótimos exemplos para os outros trainees sêniores. Vocês deveriam considerar essa sessão de canto noturna uma prioridade. — Os olhos dele encontram os meus, e eu me vejo no reflexo dos seus óculos. — Especialmente para quem quer estrear em breve.

Sinto o estômago arder, mas não cedo. Sinto a expressão arrogante de Mina ardendo na lateral do meu rosto, mas só tomo outro gole de Milkis e sorrio.

— Pode contar comigo — digo.

O sr. Noh assente, satisfeito, e ergo a latinha para ele como se estivesse fazendo um brinde. *À família e a estar totalmente ferrada.*

— Mal posso esperar — completo.

O que você sacrificaria para realizar seu maior sonho? Para trainees de K-pop, a resposta é: quase tudo. Rachel Kim sonha em ser cantora e se dedica há seis anos ao rigoroso programa de treinamento da DB Entertainment, uma das maiores empresas de entretenimento da Coreia do Sul. As regras são claras: Treine vinte e quatro horas por dia. Seja perfeita. Não namore. Ou será expulsa.

Conforme a idade limite para estrear se aproxima, a competição para integrar o novo grupo feminino da DB fica mais acirrada, com algumas trainees dispostas a fazer de tudo para se destacar. Rachel sabe que essa é sua única chance e que não pode falhar. Em meio a dietas, pressão e intrigas, a última coisa que ela esperava era se apaixonar. E menos ainda por Jason Lee — o maior astro da DB, que está em busca de uma parceira de dueto. Charmoso, lindo e talentoso, ele é exatamente o tipo de risco que ela não pode correr, mas ao qual não consegue resistir. Só que no amor e no K-pop, vale tudo, e Rachel vai brigar pelo seu futuro e por sua chance de brilhar.

Em sua estreia na literatura, a atriz, cantora e estilista Jessica Jung se inspira em sua trajetória como trainee e idol para traçar uma narrativa envolvente e reveladora sobre os bastidores da indústria do K-pop. A edição brasileira conta ainda com uma sobrecapa exclusiva, cuja ilustração foi selecionada pela própria autora em um concurso realizado pela Intrínseca. *Shine: Uma chance de brilhar* é uma história inesquecível sobre o poder da música, os sacrifícios por trás do sucesso e a importância do amor.

**SAIBA MAIS EM:**

[www.intrinseca.com.br/livro/1004/](http://www.intrinseca.com.br/livro/1004/)